

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA  
EDUCAÇÃO BÁSICA

Luzia Alves Magalhães

**ENCONTROS NA BIBLIOTECA: PARTILHANDO LIVROS E FILMES**

Belo Horizonte

2015

Luzia Alves Magalhães

## **ENCONTROS NA BIBLIOTECA: PARTILHANDO LIVROS E FILMES**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Profa. Clarisse Maria Castro de Alvarenga

Belo Horizonte

2015

Luzia Alves Magalhães

## **ENCONTROS NA BIBLIOTECA: PARTILHANDO LIVROS E FILMES**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Profa. Clarisse Maria Castro de Alvarenga

Aprovado em 9 de maio de 2015.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Clarisse Maria Castro de Alvarenga / Faculdade de Educação UFMG /  
Orientadora

---

Profa. Célia Abicalil Belmiro - DMTE/Faculdade de Educação da UFMG

*A Andréia Aparecida da Silva e Gisele Cristina de Jesus, pela amizade nossa de  
cada dia.*

# Agradecimentos

A Deus, que é luz na caminhada.

Aos estudantes que participaram deste trabalho com entusiasmo e compromisso.

À bibliotecária Geisy Cristina da Silva Moraes, com quem aprendo, cotidianamente, grandes lições de vida.

Aos diretores: Ana Paula Pinto Neves, Maristela de Freitas e Nivaldo Lara Arruda, pelo apoio incondicional.

A toda a equipe da biblioteca: professoras, auxiliares e estagiários que fizeram acontecer este trabalho.

À professora Márcia Silva de Jesus, que encontrou na arte a sua maior virtude e, através dela, faz o mundo ser melhor.

À coordenadora pedagógica Luciana Helena Arrudas, pela dedicação a este projeto.

Aos professores e funcionários da Escola Municipal Professor Milton Lage, que contribuíram para tornar concreto este plano de ação.

Aos colegas de turma, pela cumplicidade, alegria e amizade.

A todos os professores deste Curso bem como à Prefeitura de Belo Horizonte, pelo aprendizado e oportunidade de aprimorar a minha formação.

À professora orientadora Clarisse Alvarenga pela delicadeza, sabedoria e competência.

*“A leitura eleva os pensamentos. E isso não é pouco, minha amiga. Aprender é um milagre.”*

*(Clarice Lispector)*

*“Na era da interdisciplinaridade, nada mais saudável do que tentar ver a verbalidade da literatura pelo viés do cinema, e a iconicidade do cinema pelo viés da literatura”*

*(João Batista de Brito)*

*“Palavra e imagem são, pois, elementos essenciais para a produção dos discursos literários e cinematográficos, seguindo cada um o seu trajeto peculiar. Talvez, por isso, se diga que o cinema é uma das artes que mais se aproximam da literatura”*

*(Rogel Samuel)*

*“Ver filmes, ler e falar sobre eles nos conduz a imaginar outras formas de sociabilidade e socialização, assim como a nos interrogar sobre outras relações entre os indivíduos e a sociedade”*

*(Tania Dauster)*

## RESUMO

Este trabalho é o registro de uma intervenção pedagógica realizada em uma escola da rede municipal de Belo Horizonte, a partir de proposta elaborada para a disciplina Análise Crítica da Prática Pedagógica, do curso de Formação de Educadores para a Educação Básica, com Especialização em Educação e Cinema da Universidade Federal de Minas Gerais. A ação pedagógica reuniu estudantes do terceiro ciclo do Ensino Fundamental no espaço da biblioteca, para observar suas percepções sobre a experiência de leitura de livros e filmes de mesmo título, ou seja, de adaptações cinematográficas de obras literárias. Além de investigar o potencial do cinema como estímulo à leitura, os registros realizados revelam o resultado do encontro dos estudantes com livros e filmes e, sobretudo, os encontros que realizaram entre si.

**Palavras-chave:** Leitura, cinema, literatura e biblioteca escolar.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. A BIBLIOTECA ESCOLAR E A PROMOÇÃO DA LEITURA.....</b>	<b>12</b>
<b>3. CINEMA E LITERATURA: POSSIBILIDADES DE ENCONTRO E DIÁLOGO.....</b>	<b>15</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>29</b>
<b>5. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>
<b>6. APÊNDICE .....</b>	<b>31</b>
<b>7. ANEXOS.....</b>	<b>32</b>



## 1. INTRODUÇÃO

Incentivar o gosto pela leitura deve ser o principal compromisso do profissional que atua em uma biblioteca escolar. Para que tal objetivo se concretize, é necessário nos valeremos das mais variadas estratégias e utilizarmos a maior variedade possível de recursos, visando aproximar os livros dos alunos e vice-versa. É nosso dever e compromisso implantar práticas pedagógicas que sejam capazes de despertar novos horizontes do conhecimento e do prazer, visando o pleno desenvolvimento dos estudantes. A leitura por prazer proporciona a diversão, a construção de novos conhecimentos e o desenvolvimento da criatividade.

Como profissionais de biblioteca, temos a responsabilidade de zelar, não somente pela conservação e organização do acervo, mas também pela ressignificação desse espaço no contexto escolar. É preciso dinamizar a biblioteca com atividades de caráter diversificado de modo a ir ao encontro das expectativas, problemas e necessidades dos alunos. Nossa atividade não deverá limitar-se a sugerir e a facilitar o acesso à informação, mas devemos ser responsáveis pela dinamização de propostas que estimulem os hábitos de leitura nos estudantes, o gosto pela busca de informação e pela ampliação de conhecimentos. Para tanto, devemos implementar ações que fomentem a leitura como um meio para a informação e para o prazer, atuando em consonância com a proposta pedagógica da escola e com as políticas públicas para o setor.

Este projeto de ACPP, Análise Crítica da Prática Pedagógica, teve como principal objetivo estimular a leitura por meio do cinema e, em via reversa, promover o acesso ao cinema por meio da literatura. No contexto atual, a imagem em movimento, nas suas várias vertentes, do computador à televisão, passando pelos jogos interativos e pelo cinema, povoam o cotidiano e o imaginário de toda a sociedade, particularmente dos mais jovens. Sabe-se, portanto, o enorme potencial de aprendizagem que pode estar contido na exibição de um filme tanto quanto na leitura de um livro.

O cinema se apresenta como um material didático de imenso valor, podendo, no contexto das práticas pedagógicas, servir como agente socializante e socializador, despertando interesses teóricos, questionamentos sociopolíticos, sensibilidade estética e enriquecimento cultural. Nesse sentido, utilizar o cinema, como instrumento de incentivo à leitura, proporcionando aproximação e/ou estranhamento entre a imagem e o texto, torna-se uma prática de fundamental importância.

Diante deste cenário, buscamos responder à seguinte pergunta: é possível estimular o gosto pela leitura utilizando o cinema aliado à Literatura? Sendo possível, que práticas pedagógicas podem contribuir para aproximar a linguagem cinematográfica das narrativas textuais e, conseqüentemente, despertar o interesse pela leitura? Sob a perspectiva da pesquisa-ação, reunindo alunos do terceiro ciclo do ensino fundamental de uma escola da rede municipal de educação de Belo Horizonte, utilizamos a literatura aliada ao cinema para o desenvolvimento da proposta na tentativa de responder ao questionamento. Para registro das atividades realizadas, foram feitas gravação de áudio e vídeo, anotações escritas e fotografias. Foram exibidos dois filmes inspirados em obras literárias para que os estudantes fizessem a leitura anterior ou posterior dos livros, seguida de discussão em grupo.

A experiência dos profissionais da educação que apostaram no cinema como material pedagógico nos permite acreditar que é possível formar leitores, ou, melhor dizendo, estimular o gosto pela leitura por meio da linguagem audiovisual. Existe um trabalho crescente, por parte dos educadores, no sentido de utilizar adaptações cinematográficas de obras literárias visando aguçar o interesse pelo livro, levando em conta que a ampliação das linguagens dilata também a compreensão do mundo. Ter esperança é uma atitude inerente a quem educa. Este trabalho traduz a confiança de que o cinema, aliado à literatura, pode contribuir para promover o interesse e o desejo pela leitura.

## 2. A BIBLIOTECA ESCOLAR E A PROMOÇÃO DA LEITURA

Conforme aprendemos durante as aulas do curso de especialização em Educação e Cinema, é função da escola despertar o desejo por ela. Nesse sentido, precisamos nos empenhar para que nossas práticas potencializem as experiências de aprendizagem dos estudantes, tornando-as cada vez mais atraentes e interessantes, ampliando a visão que temos sobre o currículo e sobre o nosso papel de educadores. <sup>1</sup>

Diante da realidade atual, a escola não se pode limitar a alfabetizar, na medida em que a alfabetização já não é suficiente para que o indivíduo se possa mover numa sociedade marcada pelo progresso tecnológico e pelo relativismo da informação. Ao indivíduo já não basta saber ler, tem de ser capaz de usar a competência de leitura no seu dia-a-dia. Para tal, é importante que todos os agentes educativos tenham consciência de que a capacidade de leitura condiciona fortemente a participação do indivíduo na sociedade. Segundo Luiz Percival Leme Britto:

O ensino e a promoção da leitura, compreendida como algo mais que a alfabetização, têm mobilizado a atenção e esforços de diversas forças sociais, entre educadores, agentes sociais, lideranças políticas. Assume-se francamente que a capacidade de ler e a prática da leitura teriam implicações importantes na participação social dos indivíduos, contribuindo decididamente para sua maior produtividade, intervenção política e social, organização da vida prática, etc. (BRITTO, 2009, p. 187)

Promover o desenvolvimento intelectual e social dos educandos é a principal razão de ser da Educação escolar. Para que este objetivo seja atingido, é necessário que se realizem ações educativas de promoção da leitura. A leitura implica, também e principalmente, a produção e construção de sentidos e, nesse processo, o sujeito se forma como leitor em interação com o texto, com outros textos, a partir da sua própria história de leitor e de suas experiências de vida. Considera-se, então, que o acesso aos bens culturais é fundamental para o processo de se tornar leitor, ao mesmo tempo em que é essencial, para isso, realizar um tipo de trabalho com a leitura que possibilite refletir sobre essas

---

<sup>1</sup> Durante as aulas do Curso de Currículo: teorias, políticas e práticas, a professora Shirlei Sales nos convocou a refletir sobre o fato de que, no processo educativo, o querer pode ser produzido e que o nosso papel de educadores é despertar o desejo dos estudantes pelo aprender.

relações, sobre os sentidos apreendidos no texto e sobre os sentidos construídos e reconstruídos pelo leitor. (BRASIL. Ministério da Educação, 2008, pág. 81)

A partir dessa concepção, a biblioteca escolar ganha destaque como espaço de promoção da leitura, podendo contribuir para a formação de uma atitude positiva e prazerosa frente a essa experiência. Sob essa ótica a biblioteca situa-se dentro de uma proposta pedagógica que procura estimular a pesquisa e o compartilhar de ideias, considerando o aluno como sujeito sociocultural, que aprende convivendo.

A rede municipal de Educação de Belo Horizonte conta, desde 1997, com um Programa de Bibliotecas que construiu uma grande mudança no perfil da biblioteca escolar, consolidando uma efetiva participação desse espaço na vida da escola. Todas as escolas da rede municipal de educação possuem bibliotecas com acervos atualizados e diversificados, contando também com profissionais especializados para o desempenho de suas funções. Desde a implantação do programa, a biblioteca escolar passou a ser concebida como um espaço múltiplo de cultura, ação pedagógica, produção de conhecimento e promoção de experiências criativas. Conforme destacado em Cadernos do Programa de Bibliotecas:

Para que o espaço da biblioteca assim se configure, deve-se promover a dinamização do acervo, permitindo o acesso democrático e a interação do usuário com a rica coleção que possuímos. Além disso, é fundamental a presença de mediadores que busquem estratégias de promoção da leitura contextualizadas com a realidade de cada escola e que estejam inseridos nas discussões pedagógicas. (PAULA & BARROS, 2013, p. 13)

Neste contexto, a biblioteca deixa de ser apenas um depósito de livros para se tornar parte integrante do processo de ensino-aprendizagem, constituindo-se como um lugar aberto e prazeroso, voltado para a busca livre da informação, da construção do conhecimento e da leitura. Nesta perspectiva, a biblioteca escolar pode e deve servir como um espaço vivo e interativo, onde as várias experiências, do lúdico ao científico, sejam vivenciadas. Segundo Milanesi:

É possível criar atividades e serviços que são, claramente, estímulos à ampliação do conhecimento pelos conflitos que suscitam, pelo prazer que oferecem – ou pelos dois. [...] A biblioteca, nessa perspectiva, é o espaço aberto para que as pessoas possam encontrar informações, discuti-las e criar novas informações. (MILANESI, 2002, p.98)

Inúmeras ações e projetos de incentivo à leitura acontecem regularmente nas bibliotecas da rede municipal de educação de Belo Horizonte. Cotidianamente se trabalha para que as bibliotecas sejam espaços de cultura, ação pedagógica e mediação de leitura. Dessa forma, constituem-se como um recurso educativo a serviço da escola, promovendo a leitura e o livro, contribuindo para incrementar o hábito e do gosto de ler, através da realização de experiências diversas. Neste sentido, as bibliotecas escolares da rede municipal de educação, prestam uma inestimável contribuição ao desenvolvimento da leitura, das competências de informação, do ensino, da aprendizagem e da cultura.

A Escola Municipal Professor Milton Lage, EMPML, situada na Regional Nordeste, bairro Jardim Vitória, possui 848 alunos, estudantes do Primeiro, Segundo e Terceiro Ciclos do Ensino Fundamental; alguns destes, participantes do projeto de Escola Integrada com desenvolvimento de atividades diversas no contraturno. A escola é referência na comunidade em que está inserida, mantendo com ela um diálogo permanente. Esta relação com a comunidade se desenvolve também por meio da biblioteca escolar, frequentada para fins de pesquisa, leitura literária e acesso à internet. Devido a essa característica de atendimento à comunidade, a biblioteca da EMPML é definida como Biblioteca-Polo<sup>2</sup>, sendo coordenada por uma Bibliotecária e contando com profissionais responsáveis por cada turno. O acervo é rico e diversificado, incluindo livros de gêneros diversos, obras de referência, jornais, revistas, mapas, globos terrestres, CDs, DVDs e jogos pedagógicos, além de computadores para uso da comunidade, através do programa Internet Cidadã. A biblioteca presta serviços regulares de consulta local, empréstimo domiciliar, atividades de incentivo e promoção da leitura e orientação à pesquisa escolar.

---

<sup>2</sup> O nome polo deve-se ao fato de, primeiro, agregarem em torno de si outras bibliotecas escolares de uma mesma regional, coordenando o trabalho delas, e, segundo, de estar desenvolvendo um trabalho de extensão típico de uma biblioteca pública regional nas comunidades a que está servindo, em horários estabelecidos pelas escolas. Nelas são lotados, além de auxiliares de biblioteca, um bibliotecário. O critério de definição de biblioteca polo leva em conta também os bairros e regiões com maiores índices de vulnerabilidade social.

### **3. CINEMA E LITERATURA: POSSIBILIDADES DE ENCONTRO E DIÁLOGO**

Para o desenvolvimento da proposta, foram organizados dois grupos de dez alunos pertencentes ao terceiro ciclo do Ensino Fundamental. O critério para participar foi a frequência à biblioteca e a assiduidade com que costumam levar por empréstimo os livros da biblioteca. Para efeito de organização e identificação, foram denominados grupo Azul e grupo Amarelo.

Todos os encontros aconteceram dentro do cronograma agendado previamente com a coordenação pedagógica da escola. Os alunos foram convidados a comparecer à biblioteca e tiveram conhecimento da proposta já com o grupo reunido. Feito o convite, expostos os objetivos e, contando com a adesão dos mesmos, foram iniciadas as atividades. Mesmo pertencendo a turmas diferentes, houve uma conversa livre e espontânea. Os estudantes se comprometeram a comparecer aos encontros, ler os livros e assistir aos filmes exibidos no espaço da biblioteca. Quanto à definição dos títulos, foi dada a eles a oportunidade de escolher o primeiro, ficando o segundo para nossa definição.

Escolhido por unanimidade entre os dois grupos, o primeiro título a ser lido e exibido foi *A Culpa é das estrelas*, que teve grande repercussão na mídia nos meses que antecederam ao trabalho. O filme estava em cartaz no cinema e o livro já era o mais procurado pela maioria dos leitores que se dirigia à biblioteca. A Bibliotecária Geisy Cristina da Silva Moraes, mais que apoiou esta proposta, dedicou todo o seu conhecimento e experiência, participando ativamente de todo o processo, para que as atividades previstas acontecessem da melhor maneira possível, agindo sempre com carinho e respeito pelos estudantes. A direção, a Coordenação, os professores, os auxiliares de biblioteca dos demais turnos e os funcionários da escola também deram total apoio ao trabalho desenvolvido, o que contribuiu muito para o seu êxito. Sem a participação de todo o grupo seria impossível realizar esta ação pedagógica. Os recursos materiais, necessários à execução do projeto, foram adquiridos através da verba destinada à biblioteca.

No primeiro encontro, aproveitamos para conversar sobre o objeto de estudo desta pesquisa, ou seja, sobre livros e filmes. Os dados foram coletados através de filmagens, gravações de áudio e registro escrito. No grupo Azul, todos afirmaram que gostavam de ler e assistir filmes. Alguns disseram que preferem ler o livro, pois a história fica “mais real”. Outros, que “o filme corta partes e o livro traz mais detalhes” e ainda: “o roteirista do filme nem sempre é o mesmo autor do livro, por isso, há diferenças”. Houve ainda aqueles que declararam gostar de ler e assistir filmes, citando o exemplo da série *God of War*<sup>3</sup>, quando o aluno jogou o Game, assistiu ao filme e estava, naquela semana, lendo o livro de mesmo título. Outros comentários ainda surgiram, como: “o filme é mais rápido, o livro exige mais tempo”. “Quando já vi o filme, para que vou ler o livro?”. “Acho que tem diferença, o final costuma ser diferente; além disso, muita tecnologia, muitas coisas não têm no livro.” “Eles fazem modificações é pra vender”. “O livro é mais completo, por isso gosto de ler antes, pois me sinto perdida quando assisto antes ao filme”. “Quando eu não gosto de um livro, digo que não gosto e não continuo a ler”. “Os meus colegas dizem que assistir ao filme é melhor, mas eu prefiro o livro, que é muito mais completo”. “Às vezes o filme deixa o final incompleto para ter continuação em outro filme, e muitas vezes o livro é mais coerente com os finais”.

Com o grupo Amarelo, o primeiro encontro também prosseguiu como o previsto: o objetivo era apresentar a proposta e verificar a resposta dos alunos, que firmaram o compromisso de participar de todas as etapas do projeto. É importante lembrar que, neste encontro foi entregue a eles a autorização para participar do projeto, bem como para gravação de imagem e de som. Na data do empréstimo do livro, eles deveriam devolver o termo de autorização assinado pelos pais. Perguntados sobre quem gosta de ler, a maioria 9, entre 10, deram resposta positiva e, em seguida, passaram a comentar sobre os livros que seriam lidos, fazendo “especulações” sobre o seu conteúdo.

No dia do empréstimo individual, a maioria dos alunos chegou cedo à biblioteca e, já nos primeiros horários, devolveram o termo de autorização assinado pelos pais, demonstrando ansiedade para começar a leitura. Do grupo Azul, todos

---

<sup>3</sup> Série de jogos cuja temática foi adaptada para o cinema e, posteriormente, para os livros.

trouxeram autorização. Do Amarelo, três alunos pediram para ser substituídos, por razões diversas. Esta expectativa positiva em torno do livro foi favorecida, dentre outras razões, pela grande divulgação que já havia na mídia e pela repercussão positiva dentro da própria escola. Além disso, toda a equipe da biblioteca engajou-se no projeto, decorando o espaço, confeccionando marcadores, selecionando reportagens e imagens. Tudo isto contribuiu para criar um ambiente favorável ao desejo pelo livro.

Nas imagens abaixo, é possível visualizar o trabalho de decoração da biblioteca, inspirado no livro “A culpa é das estrelas”.



Figura 1: Decoração da biblioteca.





Figura 2: Decoração da biblioteca.

Quinze dias após o empréstimo, realizamos um encontro sobre a leitura que fizeram. O registro da conversa foi feito por meio de gravação de áudio, fotografias e anotações escritas. Nove integrantes do grupo Azul declararam ter lido o livro até o fim. Um deles disse ter lido parcialmente. No grupo Amarelo, seis integrantes leram na íntegra e outros quatro leram em parte. Alguns alunos fizeram anotações sobre aspectos do livro que mais lhes chamaram a atenção. Várias impressões, positivas ou negativas vieram à tona durante a conversa. Importante observar que esses estudantes revelaram preferências que estão se constituindo e que permitem identificar o tipo de leitura que lhes desperta mais interesse. Alguns afirmaram que não gostaram da história por se tratar de um romance e conter pouca ação. Curiosamente, este mesmo motivo levou outros a elogiar o livro. Além disso, quando faltava clareza de compreensão sobre o que o autor escreveu, a exemplo do título do livro, os próprios colegas procuravam esclarecer as indagações, evocando trechos de outras obras que já conheciam, contribuindo assim, para enriquecer a compreensão de todo o grupo. Outro

aspecto interessante são os valores e as experiências vividas que também foram partilhados: familiares que sofreram com a mesma doença dos personagens, o amor do casal protagonista em tempos de relações efêmeras, a maneira de encarar a morte, os laços de amizade, a relação com a família, dentre outras observações que lhes permitiram olhar a própria vida e refletir sobre a realidade que os cerca. Não seria esta uma das maiores contribuições que a leitura pode trazer a um jovem estudante?

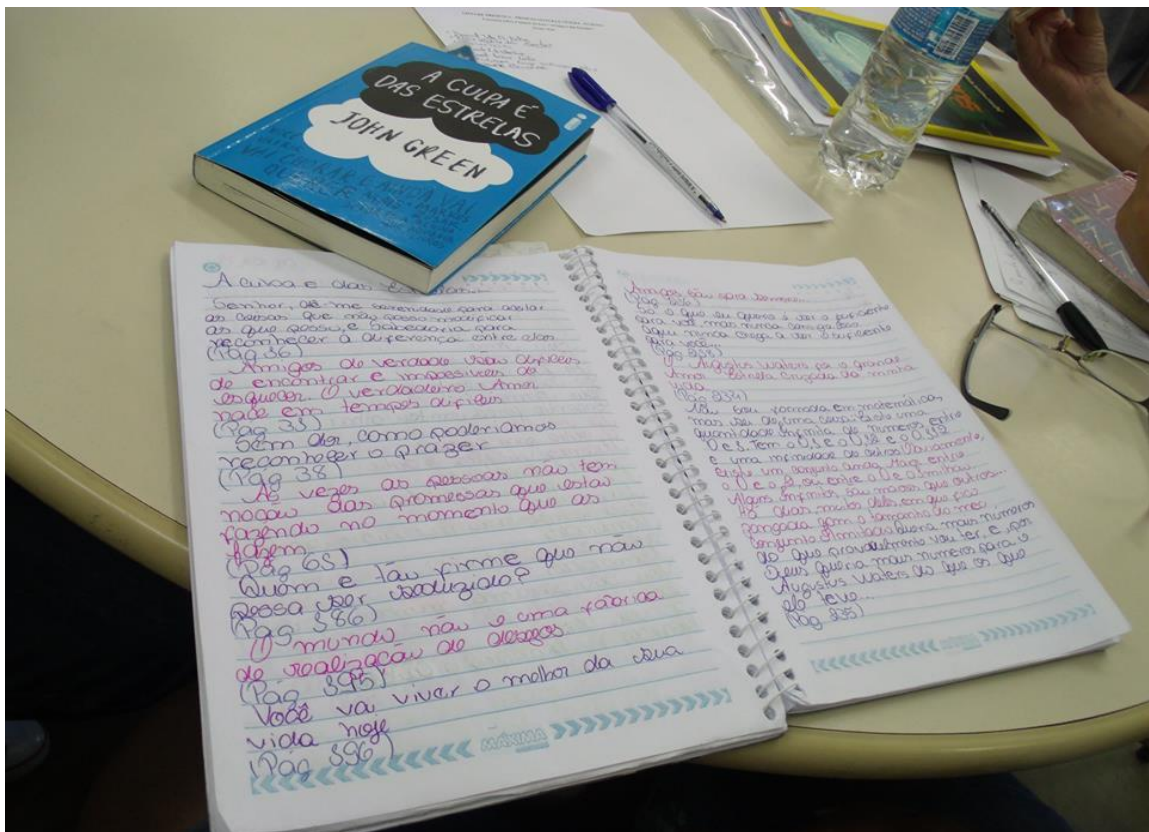


Figura 3. Anotações feitas por uma estudante sobre o livro *A Culpa é das estrelas* (GREEN, 2012.).

Compreender melhor o ponto de vista do outro, encorajamento para a vida, ação, aventura, comédia, um final feliz, estão entre aquilo que os estudantes declararam esperar de uma boa história. “Quando a gente consegue perceber os sentimentos daquelas pessoas, ou seja, quando sentimos os sentimentos dos personagens é porque a história é bem contada, aí então sabemos que ele é um bom escritor.” Os alunos ainda recomendaram livros para os colegas e falaram de suas experiências de leitura com o acervo da biblioteca.



Figura 4. Encontro com os estudantes do grupo Amarelo para discussão do livro *A Culpa é das estrelas* (GREEN, 2012).



Figura 5. Discussão do livro *A culpa é das estrelas* (GREEN, 2012) com os estudantes do grupo Azul.

Dois dias após a discussão do livro, nos reunimos novamente com o objetivo de assistir ao filme. As declarações dos alunos foram bastante significativas e reveladoras: “O filme conta a história de uma maneira diferente porque, quando lê o livro, você tem que imaginar e quando vê o filme é diferente, ou até um pouquinho igual ao que você imaginou”. “O filme conta a história, a gente não precisa ficar imaginando”. “O filme foi muito fiel ao livro. Muito parecido. Há diferenças também”. “Lendo o livro ou vendo o filme, tivemos a mesma emoção e choramos”. “Achei o filme mais divertido, com mais humor”. “Tem filmes que não tem nada a ver com o livro”. “O filme é muito melhor que o livro porque tem mais humor, tem aventura”. “No filme eles tiram algumas partes, como a amiga dela (da personagem Hazel Grace) que não aparece”.

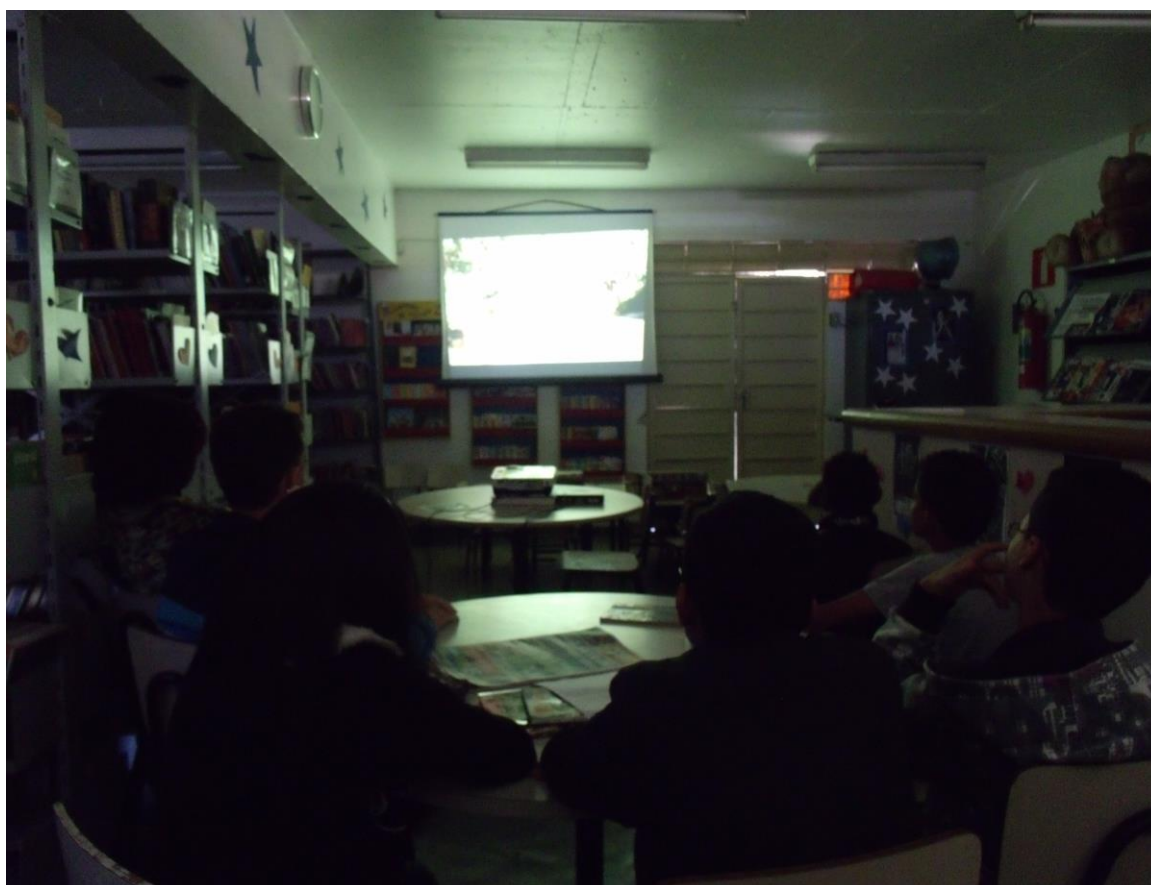


Figura 6. Exibição do filme: *A culpa é das estrelas* (EUA, 2014).

Um exercício proposto obteve adesão unânime e acalorada: os estudantes foram interrogados sobre o que mudariam no enredo do filme. Apresentando sugestões criativas, foi possível notar que eles se divertiram com a proposta e se posicionaram de acordo com gostos e valores próprios. A conversa se estendeu

por iniciativa do grupo. Experimentado dessa forma, o trabalho com o cinema na escola desloca-se do foco da leitura analítica e crítica dos filmes para uma leitura criativa, estabelecendo uma relação de proximidade entre o espectador e o autor do filme, permitindo que cada um possa acompanhar, em sua imaginação, as emoções de todo o processo criativo. Sobre esta questão, Ana Lara Silva de Deus afirma que “pensar o cinema não apenas como ato pedagógico, mas legitimar seu lugar como ato criativo é o principal papel deste na escola” (2014, p. 2). Ainda sobre a análise criativa de filmes, defendida por estudiosos do tema, Deus afirma:

Nessa perspectiva, o cinema passa a ser visto como arte no âmbito escolar, porque ultrapassa a ideia do puro e simples ato pedagógico, pelo qual apenas pretende se atingir um determinado objetivo com os filmes, ou que esses devem estar estritamente interligados com os conteúdos de ensino. Ao contrário, pensar o cinema como arte na escola significa legitimar seu espaço como criação, invenção, imaginação e experiência estética. (DEUS, 2014, p. 2)

A proposta de análise criativa de filmes não constava entre objetivos iniciais do projeto, porém a experiência demonstrou que tal prática contempla um enorme potencial a ser explorado e empreendido. Esta experiência evoca também a reflexão sobre uma espécie de obsessão predominante no âmbito pedagógico, que consiste em procurar, em todas as ações desenvolvidas na escola, um objetivo analítico, racional, utilitário e, sobretudo, produtivo. Tal concepção ignora de certa forma, a importância de assistir filmes com o intuito da apreciação estética, considerando a experiência única e subjetiva que cada estudante pode realizar.

Com o segundo título, *Antes que o mundo acabe*, a ordem foi inversa: primeiro assistiram ao filme, depois leram o livro. A acolhida e a vibração não foi a mesma ocorrida com *A culpa é das estrelas*. No início da discussão, comentários que passavam longe das características do filme visto: “filme brasileiro é só comédia, pornografia e palavrão”. “Filmes internacionais são mais inteligentes”. “Os internacionais são mais reais”. “O Brasil é terrível pra besteira”. Ao serem questionados sobre o filme assistido, se se tratava de uma comédia, continha pornografia, utilizava palavrões ou era pouco inteligente, todas as respostas foram negativas. Diante da questão: vocês costumam assistir a filmes brasileiros? Todos responderam não. A seguir surgiram comparações entre o

universo dos personagens filme, e o contexto em que vivem os estudantes: “minha mãe não me deixa viajar sozinho, se vou à padaria, ela já liga pra saber onde estou”. “Aqui é cheio de bandido. Lá na cidade do filme, eles podem circular livremente. É tranquilo. Aqui é muito perigoso”. Considerações também foram feitas sobre a amizade, a adolescência “até o computador do cara é bipolar”, descobertas que ampliam o olhar sobre o mundo “eu nem sabia que havia famílias assim, perder a perna por causa de bombas!”, as relações familiares, o namoro, dentre outras.



Figura 7. Cena do filme: *Antes que o mundo acabe* (BRASIL, 2009).

### Segundo Deus:

Ao propor o cinema na ação docente, o professor deve levar em conta os fatores psicológicos e simbólicos que estão por detrás de quem assiste a um filme. Assim, quando as crianças e jovens projetam-se na tela do cinema, televisão ou câmara fotográfica, diferentes reações podem surgir: emoção, tédio, alegria, envolvimento ou afastamento e, até mesmo, repulsa. Entretanto, essas primeiras experiências serão os primeiros passos para a atividade do cinema na educação, além de muitas outras que poderão ser proporcionadas. (DEUS, 2014, p. 3)

As expressões proferidas pelos alunos revelam, por outro lado, que houve uma verdadeira experiência de alteridade. Ao final do filme, muitos se ativeram a descrever os diferentes contextos em que estão situados os personagens do filme e o bairro onde vivem, notando diferenças culturais e comportamentais. Fresquet enfatiza que:

Os possíveis vínculos entre o cinema e a educação se multiplicam a cada momento, a cada nova iniciativa ou projeto que os coloca em diálogo. Fundamentalmente, trata-se de um gesto de criação que promove novas relações entre as coisas, pessoas, lugares e épocas. De fato, o cinema nos oferece uma janela pela qual podemos nos assomar ao mundo para ver o que está lá fora, distante do espaço ou no tempo, para ver o que não conseguimos ver com nossos próprios olhos de modo direto. (FRESQUET, 2013, p. 19)

No final da conversa, um retorno ao assunto inicial, desta vez com o enfoque um pouco diferente, especialmente no grupo Amarelo: “Quando eu percebi que era filme brasileiro eu achei que não ia ser bom”, “Esse é o primeiro filme brasileiro que eu gosto”, “Brasileiro assiste muito mais a filmes estrangeiros. Será que eles também assistem muito aos filmes daqui, do mesmo jeito que a gente assiste aos deles?” “Que imagem será que eles têm do Brasil a partir dos filmes que veem?”, “Pra eles, Brasil é só Rio e São Paulo, não tem Belo Horizonte não”, “Porque a Globo é que faz”.

Neste momento, o universo concreto e subjetivo dos estudantes dialoga com a realidade que o filme apresenta. Nota-se a familiaridade como o estrangeiro e o estranhamento em relação ao nacional. As palavras dos alunos são reveladoras do quanto nós brasileiros desconhecemos do nosso cinema e da importância da escola neste cenário. Sobre essa questão, Fresquet assim argumenta:

A proposta de iniciar as crianças em um tipo de cinema não comercial, não tem qualquer relação com arrastá-las do lugar comum para outro lugar. Uma proposta da formação do gosto parte exclusivamente do encontro com a alteridade fundamental na obra de arte, como desconforto e o choque que ela provoca (FRESQUET, 2013, p.49).

É interessante observar o espanto e a desconfiança que se revelam em relação ao filme nacional. Sentimentos de rejeição e opiniões pré-concebidas tornam visível a distância que predomina entre os estudantes e o cinema brasileiro.

Acerca disso, KOBOL afirma:

Não dá para negar: nosso mercado ainda é concentrado, elitizado e dominado pelo produto estrangeiro. Cerca de 90% dos filmes exibidos pela TV nacional são produzidos nos EUA; menos de 10% da população brasileira frequenta cinemas;

cerca de 75% do mercado exibidor está ocupado por filmes norte-americanos e mais de 90% dos municípios não possuem salas de exibição. Mas nosso cinema já deu provas de vitalidade. Ao longo do século passado, muitos pressionaram o Estado e lutaram pelo cinema. Cabe aos cineastas, produtores, exibidores, distribuidores e, por que não, aos espectadores, levar essa luta adiante. (KOBOL, 2011, s/p)<sup>4</sup>

Publicada no Diário Oficial da União do dia 27 de junho de 2014, a Lei nº 13.006, sancionada pela presidente Dilma Rousseff, torna a exibição de filmes e audiovisuais de produção nacional obrigatória nas escolas de ensino básico por, no mínimo, duas horas mensais. O autor do projeto (PLS 185/2008), senador Cristovam Buarque, argumentou que a arte deve ser parte fundamental do processo educacional e que a criança que não tem acesso a manifestações artísticas usualmente se transforma em um adulto desinteressado por cultura. O senador defende ainda a ideia de que “A única forma de dar liberdade à indústria cinematográfica é criar uma massa de cinéfilos que invadam nossos cinemas, dando uma economia de escala à manutenção da indústria cinematográfica. Isso só acontecerá quando conseguirmos criar uma geração com gosto pelo cinema, e o único caminho é a escola”.<sup>5</sup>

Com a nova Lei 13006, a exibição de filmes nacionais constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola. Uma das principais contribuições desta nova lei será a formação de público. O cinema, assim como os livros e a literatura, não chega aos estudantes e ao público em geral se não houver um trabalho constante e processual de estímulo e mediação, papel que a escola pode e deve desempenhar cotidianamente. Não basta que haja livros disponíveis nas estantes, assim como não basta que o país se aperfeiçoe na produção de filmes de qualidade, é preciso torna-los acessíveis e atraentes aos olhos do público, especialmente das novas gerações. É papel da escola e dos educadores instigar, aproximar, promover o interesse pelos livros e filmes de qualidade. Entrando em vigor de fato, a lei poderá contribuir também para ampliar o repertório de filmes brasileiros tanto para educadores quanto para estudantes. Para tanto, é preciso que a lei seja regulamentada e os recursos

---

<sup>4</sup> Artigo disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/apoio-estatal>. Acesso em 20/04/2014.

<sup>5</sup> Segundo informações do Portal Brasil e Agência Senado. <http://www.brasil.gov.br/> & <http://www12.senado.leg.br/noticias> - Acesso em 03/03/2015.



necessários sejam disponibilizados às escolas para que se torne efetiva a sua implementação e sejam alcançados objetivos desejados.

Última etapa do trabalho, reunimo-nos para conversar sobre o livro *Antes que o mundo acabe* (CUNHA, 2008). Foi possível perceber que apenas duas pessoas leram o livro por completo. Quem o fez, declarou que gostou mais do livro que do filme. Uma boa parte não leu e tendia a fazer juízo de valor ou utilizar expressões vagas, manifestando opiniões baseadas no enredo do filme. Os estudantes que leram se ativeram a detalhes riquíssimos, como o conteúdo das cartas e fotografias que ilustram o livro. Existe, por parte de muitos, certa resistência aos autores brasileiros, que se tornou nítida durante a conversa. Procuramos então, ler algumas partes do livro para dar maior embasamento à discussão. Logo após a leitura, os educandos exploraram o tema, demonstrando ampla capacidade de interpretação.



Figura 8. Momento de leitura durante a discussão do livro *Antes que o mundo acabe* (CUNHA, 2008). Grupo Amarelo.



Figura 9. Encontro com os estudantes do grupo Azul para discussão do livro *Antes que o mundo acabe* (CUNHA, 2008).

É importante notar que o livro *Antes que o mundo acabe* (CUNHA, 2008) não teve a mesma exposição na mídia nem era conhecido por nenhum dos alunos do grupo antes de iniciarmos o trabalho, ao contrário de *A culpa é das estrelas* (GREEN, 2012), que todos declararam conhecer e ainda, que este conhecimento se deu fora do ambiente escolar. *Antes que o mundo acabe* (CUNHA, 2008) fez parte do Kit escolar/literário<sup>6</sup> distribuído aos alunos pela Secretaria de Educação da Prefeitura de Belo Horizonte e foi levado a todas as escolas também pelo

---

6

Anualmente, a Prefeitura de Belo Horizonte, por meio da Secretaria Municipal de Educação (SMED), oferece obras de literatura no kit de material escolar distribuído aos estudantes das escolas municipais, Unidades Municipais de Educação Infantil (UMIEs) e creches conveniadas. Os estudantes recebem livros de diferentes gêneros literários abordando temas como solidariedade, cultura, arte, questões étnico-raciais, meio ambiente, cidadania e clássicos da literatura.

MEC, através do PNBE<sup>7</sup>. Isto nos mostra o quanto precisamos trabalhar para despertar o desejo por materiais de qualidade que estão ao alcance dos alunos, mas que podem continuar invisíveis nas prateleiras das bibliotecas.



Figura 10. Estudantes do Grupo Azul apresentam o livro *Antes que o mundo acabe* (CUNHA, 2008).

---

7

O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), desenvolvido pelo Ministério da Educação desde 1997, tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. O programa atende de forma universal e gratuita todas as escolas públicas de educação básica cadastradas no Censo Escolar.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de promover encontros na biblioteca com o propósito de assistir a filmes, compartilhar leituras e conversar sobre as impressões que tiveram traz à luz algumas reflexões que devem ser levadas em conta. Merece destaque a participação dos estudantes, especialmente no que diz respeito ao comprometimento e à partilha que realizaram. Não houve distribuição de pontos e a adesão foi espontânea, demonstrando que há espaço para o debate, o exercício do diálogo e a busca do conhecimento entre os adolescentes e jovens.

Há ainda grandes lacunas a serem trabalhadas e desafios que precisam ser enfrentados. É possível notar que os estudantes não têm o hábito de se reunir com este propósito. Trabalhamos com grupos pequenos e isto facilita a ação pedagógica. Quando se tem turmas que possuem um número muito grande de alunos, realidade comum em nossas escolas públicas, pode haver dificuldade para realizar as discussões e seria necessário elaborar outras estratégias. Há também a expectativa por finais óbvios, por cenas que explicitem ações e por explicações e evidências que somente a exposição contínua e continuada de filmes, aliada à prática de leitura, poderá proporcionar uma visão mais abrangente.

Mais do que reunir estudantes para conversar sobre o filme que assistiram ou sobre o livro que leram, as atividades desenvolvidas demonstraram o quanto os encontros realizados na biblioteca podem ser fecundos, especialmente quando enriquecidos com o cinema e a literatura. As ações mais simples podem conter grandes possibilidades de aprendizagem e crescimento, tanto para os estudantes quanto para nós, profissionais que atuamos nas escolas.

O que se pode notar, tanto no trabalho com filmes quanto na leitura dos livros, é o grande potencial que esta atividade possui enquanto proposta pedagógica. O encontro, a partilha, a conversa, demonstraram que tais atividades podem gerar bons frutos no cotidiano das nossas escolas. Precisamos continuar dispostos ao trabalho. Temos muito ainda por fazer.

## 5. REFERÊNCIAS

AROUCA, Carlos Augusto Cabral. **Arte na escola: como estimular um olhar curioso e investigativo nos alunos dos anos finais do ensino fundamental**. São Paulo: Anzol, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras**. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2008.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitura e formação na educação escolar: algumas considerações inevitáveis. In: SOUZA, Renata Junqueira de (org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009. P. 187-203.

CUNHA, Marcelo Carneiro da. **Antes que o mundo acabe**. Porto Alegre: Projeto, 2008.

DEUS, Ana Iara Silva de. Cinema como arte na escola: uma experiência de alteridade – 2014. Disponível em: <[http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/286-0.pdf](http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/286-0.pdf)> Acesso em: 20/04/2015.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e Educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola**. Rio de Janeiro: Autêntica, 2013.

GREEN, John. **A Culpa é das estrelas**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

KOBOL, Fábio. Apoio estatal: os filmes produzidos no Brasil precisaram contar com financiamento público para enfrentar a concorrência das produções hollywoodianas depois da Primeira Guerra. Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 19 de novembro de 2011. Disponível em <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/apoio-estatal>> Acesso em: 20/04/2015.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.

PAULA, Carolina Teixeira de; SILVA & BARROS, Leila Cristina (orgs). **O Programa de Bibliotecas da Rede Municipal de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: PBH/SMED, 2013.

PAULA, Carolina Teixeira de; SILVA, Dagmá Brandão; BARROS, Leila Cristina (orgs). **Orientações para o uso da biblioteca escolar**. Belo Horizonte: SMED, 2014.

## 6. APÊNDICE

### CRONOGRAMA DO PLANO DE AÇÃO PEDAGÓGICA

**17/09 – Quarta-feira:** Início do trabalho com os alunos.

3º horário – 9:30 – Conversa com o grupo Azul

4º horário – 10:30 – Conversa com o grupo Amarelo

**18 e 19/09** – Devolução da autorização dos pais com a devida assinatura e empréstimo individual do livro “A culpa é das estrelas”.

**02/10 – Quinta-feira** – Devolução e discussão do livro “A culpa é das estrelas”.

2º horário – 8 horas – Grupo Azul

3º horário – 9:30 – Grupo Amarelo

**03/10\*** – Sexta-feira – Exibição do filme “A culpa é das estrelas” seguida de discussão para o grupo Azul.

**06/10\*** – Segunda-feira - Exibição do filme “A culpa é das estrelas” seguida de discussão para o grupo Amarelo.

**23/10\*** – Quinta-feira – Exibição do filme “Antes que o mundo acabe” para o grupo Amarelo, seguida de empréstimo do livro de mesmo título.

**24/10\*** – Sexta-feira - Exibição do filme “Antes que o mundo acabe” para o grupo Azul, seguida de empréstimo do livro de mesmo título.

**06/11 – Quinta-feira** – Devolução e discussão do livro “Antes que o mundo acabe”.

2º horário – 8 horas – Grupo Amarelo

3º horário – 9:30 – Grupo Azul

*\* Necessária a reserva de Data Show, aparelho de DVD e equipamento de som.*

## 7. ANEXOS

### FICHA TÉCNICA DOS FILMES

**I - Título:** A Culpa é das estrelas

**Título original:** The Fault in Our Stars

**Ano de produção:** 2014

**Direção:** Josh Boone

**Duração:** 125 minutos

**Gênero:** Drama, Romance

**Classificação:** 12 anos

**País de Origem:** Estados Unidos da América

**II - Título:** Antes que o mundo acabe

**Ano de produção:** 2009

**Direção:** Ana Luiza Azevedo

**Duração:** 102 minutos

**Gênero:** Drama, Comédia

**Classificação:** Livre

**País de Origem:** Brasil